

Relatório Conferencia Descentralização Outubro 2004 - as experiências do Brasil com Orçamento Participativo

Notícias

Relato da viagem a Luanda

Cidade

17/11/2004 - 16:16:00

A assessora técnica da ONG Cidade **Daniela Tolfo** viajou para Luanda, capital de Angola, na África, onde permaneceu de 23 a 29 de Outubro a fim de participar do **Fórum Parlamentar sobre Organização e Desenvolvimento do Poder Local e Autoridade Tradicional**. Abaixo segue o relato da viagem:

“Foram mais de 24 horas de viagem para colocar os pés em Luanda, capital de Angola, África. Primeiro é preciso dizer que ir ao continente africano foi realizar um sonho. Conhecer um pedaço da África e tentar compreender um pouco da sua história, da sua cultura, da situação atual de seu povo, significa compreender, também, um pouco da história de nosso país.

Angola é um país que tem como línguas o *Kimbundo*, o idioma tradicional de Angola, e o português. Este último trazido pelos primeiros usurpadores da região e dos seres humanos que lá viviam. A definição é forte, mas mais ainda é a situação de miséria que o povo se encontra depois de anos de exploração e guerra civil.

Desde 1992, o país não vive nenhuma prática democrática. Logo após as eleições, Angola entrou em uma guerra civil, que só terminou com o acordo assinado entre os Estados–Majores das Forças Armadas Angolanas (FAA) e da União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA). Este acordo, assinado em 4 de abril de 2002, findou um período total de 27 anos de conflitos civis armados, que fizeram mais de um milhão de vítimas.

A história de Angola, principalmente durante os anos 60, também sofreu forte influência de comunistas. Soviéticos, chineses e principalmente cubanos estiveram presentes no país. Os cubanos, por exemplo, realizaram um grande trabalho na área da saúde. Ao caminhar por suas ruas, logo percebemos isso: há a rua Vladimir Lênin, a Che Guevara, a Ho Chi Mim, há até o Cine Karl Marx. Porém, outra consequência desta relação é um estado extremamente centralizado e centralizador. Em Angola há um poder nacional que define as políticas para todo o país juntamente com a Assembléia Nacional.

Agora, Angola está, portanto, iniciando o seu processo de reconstrução, de recuperação da auto-estima da população e de

reestruturação do poder administrativo. Um processo que envolve políticos, autoridades locais, ONGs, organismos e fundações internacionais, como a UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) e ONU (Organização das Nações Unidas).

Hoje, como resultado da guerra civil, a capital, Luanda, tem mais de três milhões de habitantes. Segundo o Coordenador da Representação da Fundação Ebert Stiftung em Angola, **Willi Haan**, este dado não é preciso, pois, com a guerra civil, muitas pessoas vieram para a capital e o governo ainda não pôde realizar um censo da população.

O grande desafio imposto, de certa forma, por organismos internacionais ao governo e lideranças locais, é a **descentralização administrativa e financeira de competências**. A proposta desenhada até o momento e que teve início ainda em 1999, através de um decreto lei, é a criação de **autarquias locais**, que teriam autonomia para oferecer serviços à população.

Em função deste debate, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e a Assembléia Nacional e Fundação Friedrich Ebert Stiftung, da Alemanha, promoveram o Fórum Parlamentar sobre Organização e Desenvolvimento do Poder Local e Autoridade Tradicional em Angola, entre os dias 27 e 29 de outubro de 2004. Através do convite da fundação, o Cidade pôde contribuir no debate, relatando a experiência do **Orçamento Participativo de Porto Alegre**.

Antes, porém, de relatar como foi o evento e a apresentação, parece importante socializar o que pude ver e conhecer em Luanda. Acho que a melhor forma de fazê-lo é reproduzindo um pouco do diário que escrevi por lá. Primeiro vale esclarecer que cheguei lá dia 23 de outubro, sábado, e a apresentação era somente dia 27, quarta. Portanto, pude passear e conhecer o lugar e as pessoas.

A chegada

No sábado (23), estou no hotel e a vista é bonita (foto 1), mas não dá a dimensão do que é a cidade. Só saio novamente à noite para jantar em companhia do outro palestrante convidado, **René Saffirio**, prefeito há 12 anos de Temuco, uma cidade de 300 mil habitantes ao sul do Chile e dos representantes da Fundação em Luanda, Willi Haan e **Ralf**.

Fomos para o que a população chama de ilha, mas que é uma península. Lá tem muita pobreza. Há pequenas favelas (*musekes*) ao longo do caminho até chegarmos na ponta da ilha, onde estão os restaurantes caros. Pelo caminho, vejo grupos de mulheres e homens conversando nas ruas escuras e na praia, tranquilamente. Mas, para os de fora, os brancos que estavam no restaurante à beira da praia, não esboçam muitos sorrisos.

Muitas pessoas nas ruas, todas negras: homens, mulheres e crianças. Muitos carros também. Trânsito intenso e desorganizado. Carros enormes e camionetes, boa parte pilotada por brancos. O clima é seco e empoeirado. A cor daquele pedaço da cidade é marrom e, como todo o restante, tem muito lixo pelas calçadas.

Paisagem e vida

No domingo (24), fomos dar um passeio de carro por Luanda e arredores. Primeiro, passamos em uma enorme feira de artesanato. Depois, seguimos viagem em direção a uma praia em Cabo Ledo, há aproximadamente 100 km do centro da cidade. Registrei muitos momentos da paisagem africana. Aquilo que vemos em alguns livros escolares: savanas secas, árvores grandes, árvores com cactus nas pontas, cabanas de palha na beira da estrada, o rio Kwanza, que muda a paisagem por alguns poucos quilômetros e também dá nome à moeda local. O Baobá, uma imensa árvore com um enorme tronco, muito grosso, representa muito bem a força deste povo (foto 2).

A segunda parada que fizemos num local histórico (foto 4), no ponto de partida dos navios negreiros com escravos que partiam da África rumo ao Brasil. Senti uma responsabilidade enorme por estar ali, que é difícil descrever.

Enfim, chegamos ao litoral, à praia. A beira da praia é praticamente dividida em dois espaços: o da vila de pescadores e o dos restaurantes que vendem os pescados. Bom, já deu pra notar que a comida típica da região são os frutos do mar: lagosta, ostra, linguado, choco, etc. O mar é lindo, calmo e quente. A vila é repleta de casinhas pequenas feitas de palha. Creio que eram mais de 300 casas. Há muitos jovens, crianças e mulheres. Muitos brincam na água e passeiam pelo litoral.

Mas o que mais chama atenção é esta divisão de espaço por etnia. No restaurante, a grande maioria era de brancos. Mesmo que isto seja comum no Brasil, que, sabemos, nunca viveu e não vive até hoje a tal democracia racial, é complicado ver que no próprio país onde os negros são maioria esta discriminação ainda acontece.

Relatos e encontros

Até este momento não tinha conseguido conversar, de fato, com algum angolano e isso já estava me incomodando. Comecei a resolver o problema na segunda-feira (25) pela manhã com o Ari, um jovem que trabalhava no hotel. Ele queria saber do Brasil, pois quer ir para o Rio de Janeiro encontrar uma brasileira para casar, ganhar dinheiro e voltar para Luanda para apresentar a moça para a família.

Falar a mesma língua, mesmo com grandes diferenças, é muito bom. Por outro lado, saber que eles - e nós também - falam esta língua por pura imposição é revoltante. O Ari disse que há muito pouco tempo as escolas estão valorizando a cultura angolana e ensinando o kimbundo.

Depois do pequeno almoço (café da manhã), eu e Saffirio fomos caminhar pela cidade à procura de uma livraria. Muitas pessoas na rua, transitando, conversando, vendendo coisas.

As mulheres chamam muito a atenção. Elas carregam sobre a cabeça uma enorme bacia com produtos à venda - produtos tradicionais de Luanda, como um pão recheado com lingüiças, banana, abacaxi e mercadorias industrializadas – e nas costas, amarrados com um pano, seus bebês. São mulheres muito jovens (foto 1).

Andar pelas ruas de Luanda está sendo dolorido. Tento falar com as pessoas, sorrir para elas, perguntar algo, mas é difícil. A impressão que tenho é que este povo teve arrancada sua cultura, sua forma de viver, de ver e de fazer o mundo.

À tarde, no hotel, encontramos com **Alcília**, angolana que trabalha na fundação alemã, para acertar algumas questões para a apresentação. Ela nos passou um pouco da sua visão sobre o país. Ela disse que o povo está menos alegre, mais desconfiado e triste. Muitas pessoas não tem mais família, perderam tudo durante a guerra civil e agora moram nas ruas ou em grupos, em prédios abandonados. Ela falou também que as mulheres que levam as bacias na cabeça vêm de longe, caminham muito e muitas vezes não vendem nada ou a polícia leva suas mercadorias.

Junto com Alcília estava **Galiano**, jornalista angolano que trabalha na ONG Ação Humana, que veio nos convidar para dar uma entrevista na rádio no dia seguinte. Foi minha primeira entrevista em uma rádio e foi muito boa. Foi um debate sobre competências administrativas e políticas das esferas de poder (governo central, estadual, municipal e autarquias). Os ouvintes fizeram algumas questões para mim, que era chamada de “Dra. Brasileira”, sobre a participação dos índios na política; se há eleição para prefeito, secretários. Foi uma hora muito produtiva!

Aventuras na ilha

À tarde, outro passeio pela ilha. Fomos de *candongue*, um tipo de táxi coletivo. Funciona assim: você quer ir para a ilha e mais três pessoas também, então todas entram num mesmo carro, pagam 30 *kwanzas* (o equivalente a menos de R\$1) e descem em qualquer ponto do local de destino. Foi um passeio que deu outro clima para Luanda.

Conversei com duas meninas, Lígia e Flávia, que estavam na beira da praia e mais dois *gajos* (rapazes). Foram elas que puxaram a conversa perguntando: - *És brasileira?* Após a resposta positiva, imediatamente me questionaram se eu já havia ido ao Caldeirão do Huck. Tentei explicar que o Brasil era bem mais que o Rio de Janeiro. Por fim, elas deram seus números de telefone. A impressão que tive é a de que queriam ter alguém conhecido lá no Brasil. Já os meninos se mostraram muito conscientes da situação do país e não demonstraram vontade de vir ao Brasil. A sensação em relação ao Brasil e aos brasileiros muda e melhora a cada dia e momento.

O Fórum

Finalmente chegou o momento para o qual fui convidada a ir para Luanda: o Fórum Parlamentar (foto 3). Não houve muita pompa e nem possibilidade de apresentar os *slides* que levei. Teve que ser só na oratória! O Orçamento Participativo é uma prática muito distante desta realidade. Contudo muitos já conheciam a experiência e a receptividade foi ótima. Para situar Porto Alegre, apresentei primeiro como é a organização administrativa e política brasileira. A autonomia que os municípios tem no Brasil e no Chile é algo quase inimaginável para eles.

Todo o debate do dia foi muito qualificado. Discutir descentralização de poder em um país fortemente centralizado é quase um tabu. Parlamentares e chefes de governo não querem compartilhar poder, porém há imposições externas e há a situação precária da infra-estrutura da cidade e de atendimento à população.

Saudades...

Luanda e seu povo, com certeza, deixarão saudades. Aliás, saudade é uma palavra que, dizem, só existe na língua portuguesa. Mas hoje, sinto que esta expressão e todo seu significado foi trazido por este povo. Lá eu sentia enormes saudades daqui. Imaginem o quanto este povo tem saudade do que viveu antes de serem invadidos e levados para outras margens. Conhecer um pedacinho da África negra foi conhecer um pedaço do Brasil, de nossa história e raízes. Foi inesquecível!"

Fonte: <http://www.ongcidade.org>